

Famosa Comedia
- dos -
Sete Infantes de Lara.
Vida do Conde de Castela
Fernão Gonçalves de Lara

= Figuras que entram neste acto =
Da parte dos criados: -

- 1.º Fernando Gonçalves de Lara, conde e ^{de Castela} pai dos sete Infantes.
- 2.º Dona Chancha, esposa de Gonçalves
- 3.º os sete Infantes.
- 4.º Capitão General.
- 5.º Rei Velasques, Rei de Hespanha,
- 6.º Alambra, esposa do Rei Velasques,
- 7.º Conde de Aro
- 8.º Fernando Garcia, conselheiro do Rei Velasques e esposa da sobrinha do Rei Velasques
- 9.º D. Elvira, esposa de Fernando Garcia,
- 10.º Cuchearum, escudeiro do Conde Fernão Gonçalves de Lara de Castela
- 11.º Branca-Flor, aia de D. Laucha - criada

FAMOSA COMEDIA
des
SETE INFANTES DE LARA

VIDA DO CONDE DE CASTELA
E
FERNÃO GONÇALVES DE LARA

«Figuras que entram neste acto»

Da parte dos cristãos:-

- 1º Fernando Gonçalves de Lara, conde de Castela e pai dos sete Infantes.
- 2º D. Sancha esposa de Gonçalves
- 3º Os sete infantes
- 4º Capitão General
- 5º Rei Velasques, Rei de Hespanha
- 6º Alambra, esposa do Rei Velasques
- 7º Conde de Are
- 8º Fernando Garcia, Conselheiro de Rei Velasques e esposo da sobrinha de Rei Velasques.
- 9º D. Elvira, esposa de Fernando Garcia.
- 10º Guehurram, escudeiro de Conde Fernão Gonçalves de Lara de Castela
- 11º Branca-Flor, aia de D. Sancha-Criada-

Personagens Mouros

- 1º Rei Almansor
- 2º Branca-Luna, filha de Rei Almansor
- 3º Conselheiro de Rei
- 4º Capitão Mouro; General
- 5º Mudarra, filho de Branca-Luna e de Fernão Gonçalves
- 6º Dois Anjos
- 7º Aias, damas de companhia;
- 8º Servos ou escudeiros,
- 9º Palafreiros, ou Carcereiros
- 10º Padre para o casamento de D. Elvira
- 11º Seldades mouros com o Rei Almansor

«Grenista»

Resumo da vida de Fernão Gonçalves de Lara e de seus sete filhos

«PROFECIOS»

Prestem sua atenção
Meus ouvintes não falar
A vida de Fernão Gonçalves
Eu vo-la vou a contar

No tempo de D. Ramiro
Em a arco do Senhor
De noventa e um
Nasceu este vencedor.

Com muita Graça e esforço
Que mesmo Senhor lhe deu
Ele aos mouros muitas vezes
Nas suas lutas venceu

O Rei Ordonho II
Por inveja o cativou
Mas sua filha D. Sancha
Foi quem o libertou

Se escaparam para Burges
E as bodas juntas fizeram
A infanta D. Sancha
Muito bem a receberam

Gonçalves muito cansado
De com todos pelejar
Na companhia da esposa
A lua de mel algum tempo quis

Um dia a irmã de Velasques
Muito grávida ficou
Deu à luz sete crianças
E mui sentida ficou

Foi na provincia de Burges
E na cidade de Lara
Que nasceram os sete infantes
Da familia mui ilustrada

D. Sancha envergonhada
De não os poder criar
Por conduta da criada
Seus filhos mandou afogar

O homem põe e Deus dispõe
Ousam, ouvintes amados
Pois quis Deus que pelo pai
Os meninos fossem livrados

Gonçalves andando à caça
Junto de uma ribeira
Viu vir a Branca-Flor
Com uma grande canseira

Vendo-lhe um cesto na mão
Lhe perguntou onde ia
Mas Branca-Flor confessou
Por bem não lhe respondia

Gonçalves ameaçou-a
E então ela lhe contou
Que afogar uns cachorros
D. Sancha lhe mandou

Gonçalves porém lhe disse
Que não matasse a criação
E que os tornasse a lavar
Sem nenhuma dilação

Leva para caçar cachorros
Um deles eu escolherei
Dis é uma portante
Que fui eu que te mandei

Não obedeceu a serva
Ao senhor Conde Fernão
E este destapa o cesto
Vê ... Parte do coração!...

Então a moça lhe disse
Que D. Sancha deu à luz
Sete meninos e não querendo
Suportar tão grande cruz

A serva mandou levar
No cesto seis dos filhinhos
A afogá-los na ribeira
Tão novos os coitadinhos...

Sua ama lhe ofereceu
Uma túnica franjada
De púrpura e a ninguém
Ela revelaria nada

Gonçalves conde de Castela
Os filhos mandou levar
Por muito diferentes povos
Para os dar a criar.

E quando tinham sete anos
Gonçalves fez ajuntar
Na presença da esposa
Quem ela mandou afogar

D. Sancho envergonhada
Perante Gonçalves chorou
Mas este muito contente
Sua mulher perdoou.

Chamou a Munezalido
Que era um sábio professor
Que os ensinou a manejar
As armas com grande valor

Os sete infantes de Lara
Saíam a pelejar
Em favor da santa-fé
Contra os mouros de alamar

Quando o rei Velasques quis
Suas bodas convocar
A Gonçalves e seus filhos
Logo os mandou chamar

D. Alambra um ternoio
Escolheu um cavaleiro
Que foi muito mal tratado
Pelo infante terceiro

Este conflito originou
Grande odio e vingança
Gonçalo e seus infantes
Sofredem horrível matança

No jantar do banquete
Começou a manorar
O 3º infante Elvira
Que também se ia casar

E D. Elvira aceitou
O namoro do Infante
E o conde de Aro seu nêvo
Ficou de fúria impante

Gonçalo Vusto o primeiro
Dos sete infantes de Lara
Faz a corte a D. Alambra
Que lhe mostrou mui má cara

D. Alambra e Garcia
Muito bem se combinaram
E os dois associados
Ao rei Velasco o contaram

Então para se vingar
Mandou como embaixador
Fernão Gonçalves com um papel
Para o rei Almanzor

E nesse papel dizia:
"Ouve-me ó rei Almanzor
Se comigo queres ter paz
Prende o meu embaixador"

Os infantes desde que viram
Que seu pai estava penando
Se juntaram ao rei Velasco
Para o ir libertando

Mas as forças de Velasco
Combinadas com Almanzor
Cristãos e mouros juntos
Os cercaram com grande furem

Por 6.000 cristãos cercados
E dos mouros nove mil
Degolaram-nos a todos
Aquele canalha vil

As cabeças as mostraram
A Gonçalves de Castela
Com mui grande sentimento
De uma linda donsela

Ara esta Branca-Luna
É filha de Almanzor
Que vendo Fernão na cadeia
O aderou com fervor

Branca-Luna tinha um filho
Que era maldarria chamado
Foi um valente guerreiro
Pelo conde na Prisão gerado

Aos dezasseis anos foi
Por sua mãe aconselhado
A vingar-se do Aro
Alambra e seu amado

A Velasques aderado
A morte lhe soube dar
E em seguida baptizou-se
Ficou senhor do condado
Para o salvador amar
E a fé de Christo dilatar

Senhores esta é a obra
Que soube de amuniciar
É a minha simples vsa
Que todos vos deveis perdoar.
(Faz uma vénia ao povo)

NOTA: I este no tablado no Pape do
Gonçalves. O Capitão General do Rei
Velasco vai falar, como embaixador, ao
Conde Fernão e diz o seguinte:

Capitão General

Conde Fernão de Castela
Aqui vos venho falar
Por mandado do rei Velasco
Seu capitão General

Pois determinado sou
De umas festas convocar
Com a senhora D. Alambra
E já se vai a casar

Vós que sois da sua gente
E de grande fidalguia
Também quer que o acompanheis
Nesse magnífico dia

Para depois todos juntos
Muito bem determinar
Ir contra o Moure Almanzor
Que nos quer subjugar

Minhas tropas e as suas
Já combinados estão
Para ir contra almanzor
E todos se ajuntarão

Vossa Excelência será
Como bom pelejador
A quem a todos mandará
Na luta contra Almanzor.

Que é um forte guerreiro
E de muita valentia
Homem de muito poder
E de grande fidalguia

Vossa honrada senhoria
Não se deve retirar
Com sua bela senhora
A terras de Portugal

Seu ver de Burges tirados
Esses árabes traidores
Que de nossas terras
Eles se dizem senhores

E nas cortas de Toledo
Já se tem determinado
Fazer-lhe guerra mortal
A esse inimigo danado.

Isso temos que fazer
Indo logo a pelejar
Minhas tropas e as minhas
Nunca nos acovardar.

O meu amigo Gonçalves
Como pelejador
Nas devedas temar
A esse rei Almanzor.

Fala Con

FALA GONÇALVES:

Parte estou de brigar
Fortes batalhas cidade
E aos mouros destas terras
Todos tenho subjogado

Seu conde Fernão de Castela
Meu nome é bem conhecido
Conde sou dos mais honrados
Que até agora tem nascido

Pois as ações de guerra
Que até agora tenho feito
Serão dignas de contar
Como tempo bem passado.

Na Navarra pelejei
E uma insigne vitória
Tornaram-me uma tração
Bem notável na história

Contra o Conde de Tavora
Muitas vezes pelejei
E com o fio da minha espada
Muitas terras eu ganhei

Isso dá-me a conhecer
Meu valor contra Almanzor
Pois farei o próprio sol
Com meu ferro valor

E não deixei circular
Os mouros nesta Nação
Pois Hespanha e Portugal
É uma mesma região.

Pois eu vou a recorrer
As terras de frades e monges
Onde os Sarracenos tinham
Alevantado os seus fortes

Lembro-me quando encontrei
Em a ponte de uma ermita
Um frade de nome Palácio
Que me resgatou a vida.

E quando o sou baixou
São Tiago a defender
Na batalha contra o mouro
Contra o infiel poder:
E seu maldito poder.

Quando minha amada esposa
D. Sancha me tirou
Dos cárceres de Leão
E dali me resgatou.

Depois seguindo juntos
Num deserto me atentei
Com um mau cavaleiro
A quem muito lhe reguei

Reverte-me! al como é bem
 lembrar tempos passados!
 Os mundos amargos
 D'itos saberes.

Os tempos delisiozes
 que sem Sancha eu passei
 Quando sem minha amada
 De sempre me tirei.

Que nesse tempo hoje
 Eu a amo sem fervor
 Chega os raios da lembrança
 A palmar do meu amor.

Podeis ir ó General
 Dizer ao rei bem amado
 Que não faltarei ao fervor
 De ser seu confidante

Ainda és infante querida
 Que a mim estas desejando
 Saberei o que te passou
 Neste momento o quando.

NOTA:

Val-se o Capitão General
 e sai Gonçalves e sua mulher

GONÇALVES

Mulher tua ingratição
 Muito a mim me faz temer
 Oh meu Deus do alto céu
 Para que me dais mulher.

Está muito agoniada
 Porque grávida se vê
 Muito doente se acha
 Eu não sei que lhe farei.

Pois neste pequeno reino
 A instantia ohameda
 Não há nenhuma mulher
 Que assim tenha gerado

Provisoria de tres-ss-kentos
 E na idade de Lara
 Se errou esta mulher
 Sempre do mim tão amada.

Não desconfies mulher
 Que minha linguagem vem
 De fidalgos muito honrados
 Como a tua também

Assim nos será mulher
 Bem sabermos conservar
 Que o nosso exemplo seja
 De quem se tem de falar

Seja honra nesse exemplo
 Nessa personalidade
 Seja digna de contar
 Em toda a eristandade

Fala D. SANCHA
 Não sei como ouvido tenho
 Para agora te falar
 Deus queira que dó é lus
 Meninos para te faltar.

Sempre estavas a pedir
 Que da tua geração
 Saísse um filho querido
 Ouvi-me esta maldição

Vou-me embora Gonçalves
 No teu quarto emerrar
 Que eu não tenho vontade
 De agora aqui falar

NOTA: D. Sancha vai para o seu
 quarto muito triste e agoniada
 e fala Gonçalves

GONÇALVES

Minha mulher bem desconfia
 Pois ela não tem prazer
 Para falar diante mim
 Como uma boa mulher

Ten tido já muitas dores
 Nunca tem vontades
 De falar do rei Velasquez
 E de suas dignas sugestões

Agora vou a esgar
 A distrair pensamentos
 Que esta ribeira tem
 Ocultos multoportentes

NOTA: Val-se embora o fiao oculto
 no monte sem a espingarda carregada
 da à espera de ver ver alguém sem
 algum mistério! Sai D. Sancha e
 a Criada Fala D. Sancha

D. SANCHA

Sempre estou a chorar
 E não quero responder
 Tu não me queres servir
 Fize-te diante mulher

Se pensas nos teus amores
 Bem escolhe colheiras
 De miudezas
 Perdida não te olhas

CRIDA
Alinda não tenho amores
Nem janelo guarla em ter
Que vejo todos os dias
As mulheres a morrer

Alga disse essas amores
São para quem não tem que fazer
Um criada precisa sempre
De gens potões atender
E não pode tempo perder
Tem com gens que barrer

A por destas conseqüências
De em fozes muito bela
Passaria dias e noites
A morrer de janelo.

Minha vontade é servir
A minha mam cozinhar
Cumprir as suas vontades
Para molhar no pagar.

D. SANCHIA
Me tem poder até
Minha vida de mulher
De tu não me favoreces
Não tardarei a morrer.

CRIDA
O que me manda fazer
Sem nenhuma aliação
Aqui até para vou servir
Mes honrado corpo.

D. SANCHIA
Fazda o que em te mando
Com grande segredo meu
Um fêto novo guarda
De ser aqui lido de com.

Mam cozinha lava
Eus molhos afogar
Que não noto e em não posso
A todos dar de mam

E se o amo te enle
Ao cozinha a preparar
Dis que parin a andolei
E se não vai afogar

No ribeira de lava
Os molhos estraça
E sem detença nenhuma
Lavo logo no farda

CRIDA
Voula depressa o cozinha
Muito bem preparada
Antes de me chegar
O fardel com muito agrado

Os molhos em deltar
Nem pago máis profunde
Para que se não tornem a ver
Nemais já mais no mundo.

NOTA: Fogo no cozinha e vai agulando
o cozinha para a Ribeira de lava, D,
Sanchia cozinha no seu quarto.
Gongalves cozinha no manto cozinha. L
logo que vê a criada dis para ela co-
zinha palavras:

CRIDA
Nem cozinha tem a não
que as filhas manda afogar
E a cozinha que em seu corpo
Nem mais trouxe a morrer.

Aqui vem um engrador
Já no fim a não trazer
E o pai dos molhos
Que até de não molhar.

NOTA: Gongalves, que estava no manto
escondido em imediatamente é criada
e dis:

GONGALVES
Não vai minha criada
Sem caso bem cozinhar
Me trouxe agora aqui
Cozinha algum cozinha.

CRIDA
Parin hoje a andole
E a mam no manto
Afogar alguns molhos
Lho com gosto lho tiro

GONGALVES
Da quere deltar algum
Todos não quere afogar
E sem nenhuma aliação
Temna logo a levar.

CRIDA
Minha mam no manto
Afogá-los na ribeira!
E se agora lho falar
Basta a von primeira.

Eu não lho quere mostrar
Nem tem pouco obedecer
O que mandou minha mam
E o que vou a fazer.

GONGALVES
Deixa af ver af mulher
Quere olhar a criação

NOTA: Gongalves distrae o cozinha em
vun do caso vê as molhas molhar...
triste e cozinha dis o seguinte:

GENCALTRES
Salva-me Deus!...

Tate é...
Parte do meu coração!...

Oh mulher engasgada
Como queres afogar!
Os filhos que algum tempo
Me tornas de consolar

Que dor, que mágoa, que pena
Fregosa em meu coração
Por ser mulher criada,
Conster também trizão

POZA: Gencaltres, amadas e
oeste e dentro vê pois meninas
fruto do seu coração

Alma minha o coração
Nai agora a voltar
O fruto que agora aqui
Eu quero recolhar

Nai e vinda e tua magoa
Bela formosa criancinha
Que em liberdade do mundo
Aqui nestas campinas.

Com tanto consagrado
Este fruto do meu jardim
Que no jardim amado
Se retem com ter fim

Veias que vem circular
sem sangue fancei mal
A poder por estes montes
Sem poderes curar

Oh Babelra do lar
com queiras sentir
Na tua escuridão
Sem fruto sem reparar

Montes abisma obscuros
Dentro do jardim do lar
Como no vado aqui
Sem sentido na escura

Por vir a mulher a erga
E se vir a reter
O seu coração magoa
Aqui agora a libertar

Dizem-me aqui os meninas
Nao me fago mais pensar
Em arrastar mulheres
Que os tem e de criar

Nao antes quero que tu
Me fago deslugar
Quanto minha mulher tem
Deus com o acobertar.

CRIDA

Seu consolar a malade
Sem saber que falar
O que minha tem fim
Mas não lhe queira malhar.

Ostendo-me um fato novo
Para que eu fosse afogar
Os meninas que aqui vem
Sem em a ninguém falar

Deu a luz com meninas
Nai com um fado
Mandando afogar os outros
Muito no coração

Dizem-me que não o alano
A voga livre combaria
Se não de sua casa
Logo ela no tirar.

GENCALTRES

Agora af e mal, e dor no alago
O meu pebre coração
Oh minha mulher veja
Conster do vil ago

Quem tal coisa comeg
Nao tem de deslugar
Minha mulher me tem:
Alm, sem tem coração

Dezerto em mim aguda dar a dor
Nao me fado por ela sem efeito
Sem pensamento dar, e a vida longo
A escura dentro com mais por-
feito

Dezerto em mim aguda dar a dor
Nao me fado, por ela não sinto
O meu efeito
Sem pensamento dar, e não a cor.
Alto

Que minha mulher esta trizão to-
ma feito
Mas o Deus do alto com
Me que dar a consolar
Meas meninas são amadas
A Deus hei-de agradecer

Seu nenhuma detenção
Folha poros em livro
E a estas meninas
Mulheres arrastar.

Que os criam bem criados
Como os devem de criar
Sem ninguém os conhecer
Nem sobre isso falar

Eu também te comprarei
Um fato de Grande valor
E nunca disto digas nada
E mostra-lhe muito amor

CRIADA

Isso mesmo eu farei
O que eu quero é ganhar...

NOTA: Gonçalves vai pelos povos
a procura de criadeiras para os
meninos e diz

GONÇALVES

Vem-me por esses povos sem tornar mais a
Sem tornar mais a falso

NOTA: D. Sancha sai com o menino de
seu quarto e diz o seguinte, supôn-
do que a criada se tivesse encontrado
de com o seu esposo

D. SANCHA

Meu coração tramo senhores
Estou mesmo a desconfiar
Que a criada encontrou
A quem andava a caçar.

Cale menino querido
Eu me quero recrear
Com a tua formosura
Que a todos faz ciunar

NOTA: DO monte sai a criada
que se dirige ao quarto de D. San-
cha e diz a criada o seguinte:

CRIADA

Já cheguei, vai-me Deus,
Que cansadinha me vejo
Vinha o fato minha am
Que cumpri o seu desejo.

D. SANCHA

O que promete cumprir
Sem nenhuma dilacão;
Olha que tremendo está
O meu pobre coração

E Gonçalves não te viu?

CRIADA

Não vi Gonçalves, nem outra gente
Nem me dei a conhecer
Esteja pois tranquila,
Cale-se já o mulher

NOTA: Gonçalves chega da caça; e d
de ter entregado os filhos às cri-
adeiras, sem dar a conhecer à sua
mulher o facto que se passou com
os meninos, e entrega aos mesmos
as criadeiras- Fala D. Sancha para
o marido

D. SANCHA

Homem deixa teus prazeres
E cumpre minha vontade,
E não queiras andar à caça
Que me fazes uma maldade

Aqui tens o teu filho querido
Que tanto tu desejavas
Agora a mulher
Que tanto a desprezavas

NOTA: D. Sancha entrega o menino a
seu pai e diz Gonçalves depois de o
ter beijado

GONÇALO

Vem cá filho dos meus olhos
Eu te quero conhecer
Frute das minhas estranhas
Que me entrega esta mulher

Oh saudosa formosura
Filho do meu coração
Um beijinho eu te darei
Depois da minha benção

Pega nele é minha Sancha
Com muitíssima afeição

NOTA: Gonçalves entrega o menino a
Sancha e recolhem-se para o seu es-
posado- toca a música. O rei RUA
Velasques, D. Alameda e o Conde
falam no trono e diz Velasques

REI VELASQUES

No meio da Lusitânia
Gran terra de Portu-Gales
Se acham homens honrados
Como nossas magestades

Está Gonçalves de Lara
A quem quero reconhecer
É o Conde de Castela
E tem um grande poder

E o nomeio mesmo daqui
Agora meu conselheiro
Vinha logo à minha corte
A tomar posse primeiro.

CONDE

Sua digna magestade
Bem pensado e terá

É a gente mais honrada
Que na latinitania há

D. ALAMENA
De nossa família é;
D. Sancha gloriosa
E Feraão de Castela
De quem ela é caposa

Por isso toda a família
Com os filhos dever vir
Para no meu casamento
Tudo pode assistir
Tudo se adivertir

Chegare meu senhor
Demostre minha tenção
Quere dar liberdade
A meu claro coração

Com D. Elvira sua sobrinha
Me queria eu casar
Pois sem duvida nenhuma
Ela bem me sabe amar

E senhor nuncaerei
Digno de repreensão
Por mostrar perante vós
Quanto sento meu coração

RUI VELASQUES
Minha sobrinha e dirá
Se contigo quere casar
NÃO duvides da licença
Por muito honrada ficar

ELVIRA
Men tio, ouve real senhor
Se é essa a nossa vontade
Quere cumprir a tenção
De sua digna magestade

CONDE
Muito reconhecido fice
Meu senhor bem determinar
Os meus profundos amores
Que senheram alcançar

As graças de D. Elvira
E de don tio o poder
Muito feliz eu sarei
Para receber a mulher

NOTA: Recolhem ao tremo e Gon-
çalves vai aos povos visitar
os seus meninos

GONÇALVES
Agora vou visitar
Os meus filhos tão amados
Quere ver essas mulheres
Se os tem bem criados

NOTA: Gonçalves aqui vem ele de visitar os me-
ninos e fala Gonçalves:

GONÇALVES
Já visitei os meninos
Com segredo viverei
A minha amada senhora
Em logo os amostrarei

NOTA: Sai Cucharam para o tablado, que é me-
ço de Gonçalves e diz

CHUCHURUM
O diabo dessa criada
Nem sequer a posso ver
Me manda a fazer as coisas
Muito depressa a correr

Agora mandou-me estar
A espera de que chegara
O meu amo e Senhor
E alguma coisa me dira

Não sei o que gode ser
Em não sei o que será;
Anda chio, chio, chio chio
Ninguém adivinhara?...

Cá vem a moça, fenege
Senhores, não a posso olhar
Se põe diante de mim
Para logo me mandar!...

NOTA: A criada sai para o tablado e fala
para o Cucharam

CRIADA
Nem, tires diante,
Nem sequer o posso ver...

CHUCHURUM
Pois eu até, cautelinho!...
O diabo da mulher
Nove anos vfo frequentando
Nesta casa sem cessar

E tu que nada te custa
e fazes a mim dançar
Olha que te vou a bater
Não me tornes a ralar!...

CRIADA
Eu me farei tua amiga
E muito eu quereei
Se me fazes e que te mando
Se não te despedirei

CHUCHURUM
O que digo é o que falo,
De casa eu me sairei
Mas sem darem pela conta
Tua pelo foverei

NEZA: Não Gengalves fora do
 Rabão e dis para os seus servidores
 Que vão buscar os filhos

GENGALVES

Mens humilides servidores
 Criados tão respeitadas
 Que me fareis quanto mando
 Cumprindo-me os agrades

Agora lreia correndo
 Os povos que eu vos mandei
 E me trazeis os meninos
 Que tenho lá a eslar

Trasei-me um menino
 Que em anda povo tenho
 Olhando bem para ele vejo
 O meu desejo

A mim nos entregareis
 Sem a bingum falar nada
 Juntos todos no salão
 De minha mulher amada

E quando estarem
 Me dareis um signal
 Quero eu que reconheço
 Minha mulher o seu mal

Mistrem eu vos arrastar
 Um distinto professor
 Que ensine bem os meus filhos
 Todos juntos com amor

GUICHUIM

Vamos correndo estantes
 E não des uma falinha
 Anda que, nesta jornada
 Já te farei ser minhinha!...

NEZA: Ouburum o a criada vão
 do povo em povo para trazerem
 os meninos *af* minha Gengalves
 volta a falar

GENGALVES

Agora se vai a ver bem certo
 & desgragados
 Pela ordem da mulher
 Todos seriam agrades

NEZA: De Saneha fale fora do
 Rabão e dis para Gengalo

Dr. SANCIA

Men amado tens amores
 e fazes desconfiar
 Mistério comto conhoço
 Que trazes sem olvidar

GENGALVES

O que falias saberes
 Sem tardança sem temer
 Olha agora no teu quarto

Fique de entre os outros
 Que o sei a reconhecer
 Reconheço bem qual é
 Não temendo nenhum mal

NEZA: De Saneha vai ao quarto dela e de
 desobre os meninos todos que estão d
 detidos na casa de Dr. Saneha e logo
 que vir os sete infantes juntos no al
 me e logo Gengalo a levanta e dis Dr.
 Saneha

Dr. SANCIA

O segredo descoberto
 Pelo homem meu senhor
 De espozo se tornare
 Agora meu vingador

Perdoi-me meus filhinhos
 Pois que muito envergadura
 Quis tirar as vossas vidas
 Por conduto da erida

Filhos do meu corço
 Filhos que sei tão queridos
 Não vos ordei uns aos outros
 Pois me tirais os sentidos

Perdoi-me meus amados
 Perdoi-me meu amor
 Já me vão arrependida com uma sinora d
 Com um sinora dor

Oh! meu homem eu sei
 Tua observação sem cessar
 Este erro, horrível crime
 Não pararei de chorar

Perdoi meu riso, espozo
 Perdoi-me também meninos
 Que do dia de hoje em diante
 Vos amarei meus filhinhos

Perdoi meu riso, espozo
 Perdoi-me também meus filhos
 Da jornada hora avante
 Ter por vós muitos carinhos

Umpro minha obrigação
 Vos tenho reconhecido
 Em pensar na minha segão
 Se me tiras sentido

Oh! para esta desgrada
 Os meus que me encastela
 Ao ver-me tão desventurada
 Como togas não abersa

Considerando que fui sempre
 Uma mulher tão amada
 Agora pelo meu homem
 Serel e mais desgrada

Eu aqui me reconheço
Que cometi grande pecado
Feis que mandei afogar
O meu fructo delicado

Crime horrendo cometi
Homicida sou chamada
Contra estes seis meninos
Mulher desevergonhada

Onde irei eu a morrer
Onde irei eu má mulher
Pelo mundo sou chamada
A mulher mais desgraçada

Olhos tristes bem chorá
Este tão grande pecado
Eu peço do coração
Que me seja perdendo

Queridos filhos bem criados
Vossa mãe queria afogar
Oh! Como meu esposo amado
Soube mal bem libertar

Aqui pois vos reconheço
Meus olhos cessai de chorar
Todos meus cinco sentidos
Nação, dor querem tirar

Aqui pois vos reconheço
Não me façais mais chorar
Todos meus cinco sentidos
Já me querem tirar

Meninos do coração
No meu corpo gerados
Como vos olham meus olhos
A todos tão bem criados

E como tão parecidos
A vossa pai amais
E sem mais vos ter visto
Todos juntos vos amais

Aqui agora os fado eu
Os meus filhos tão queridos
Pela ordem do meu Deus
Em parte fosteis nascidos

Eu que me envergonhei
Para a todos criar
Por contudo da criação
Vos mandei afogar

A vossa mãe deveis vossa
Vossa vida tão amada
Mas espere eu no meu Deus
Serei logo perdoadada

CONÇALVES

Não choreis minha mulher
Que eu te conselharei
Como sempre até à morte
Sempre continuei a morrer

Minha esposa te amarei

Eu não nunca desconfies
Eu te saberei amar
Que foi por Deus é mulher
Nesse fructo reagitar

DE SANCHÁ

Eu verdade foi por Deus
Meu esposo tão amado
Por minha lingua será
O meu Deus sempre louvado

Agora bem o conheço
Que fazia muito mal
Este fructo delicado
Por mim mandar afogar

Mulheres que criais filhos
Para aqui podeis olhar
Nunca façais o que eu fiz
O meu sangue desgrenhar

Chorai todas como eu
O meu pecado chorar
De maneira que o meu Deus
Me saiba bem perdoar

Conçalves eu te amarei
Pois é minha obrigação
Desde que meu pai querido
Me votou sua benção

E não queiras separar
Meus filhinhos do meu lado
Eu a todos criarei
Assim é o meu agrado

Chorando sempre andarei
Meu pecado bem pensar
Agora sem dilação
Me vou logo a confessar

Por isso peço perdão
Publicamente direi
Confessando este pecado
Com meus olhos chorarei

CONÇALVES

Vou saber minha mulher
Que eu jamais fui vingador
Eu te quero perdoar
Que te tenho muito amor

Mulher com meus filhos
Como o teu coração
Não chores mais o teu erro
Lá te vai minha benção

E a vos meninas queridas
Vossa mãe respeitai
Sede pessoas virtuosas
A esta mulher amai

Que é quem vos comoven
E no seu formoso ventre
Vos trouxe nove meses
Sem saber se era gente

Pois eu vou vou oferecer
Um mestre que vos ensine
A manejar bem as armas
E em tudo vos cultive

NOTA: Gonçalo, Sancho e filhos
recolhem-se para dentro do pa-
lácio; do trono fala-se o Rei
Velasques, D. Alameira e o Conde

REI VELASQUES
De necessidade é
Nossas bodas convocar
Nossas corôas convocarmos para
Para melhor festejar

E nossas parentes venham
Para festejos fazer
Venha Gonçalves e Infantes
Pois os quero conhecer

D. ALAMEIRA
Por notícias que não temos
São bizarros cavaleiros
Entre todos temidos
São os mais fortes guerreiros

Não é para os elogios
Dizem que são bem criados
Mas esses mancebos serão
Uns generosos soldados

CONDE
Já mandei um boletim
Aqui correndo virão
Os infantes de Lara
E seu pai Conde Fernão

REI VELASQUES
E se necessário for
Mandarei um mensageiro
Venha meu primo Gonçalves
Quero que seja o primeiro

NOTA: Cucharam a cavalo num
burro assado com certas en-
gemmas, palha-rodelos, fitas
e etc.... vai buscar o Rei
Belasque, fazendo gestos ao
corpo muito engraçados

CUCHARAM
Vou buscando o Rei Velasques
Mais com sua nobreza
Tenho medo que me convide
Ou me dê uma pancada

Senhor Belasque no trono
Aqui está este camarada
Aqui trago uma raposa que não
Não presta para nada

REI VELASQUES
Quem meu nome anda a pregar?

CUCHARAM
Eu sou o seu servidor
Tem mais algo que falar?...

REI VELASQUES
Fale vossa Senhoria
Se não vai já para a cadeia

CUCHARAM
Se quidem o Cucharam
Será uma coisa mui feia!...
Trago aqui este pergaminho
D. Gonçalves me mandou
Entregar a Vossa Alteza
A mim nada me custou!...

REI VELASQUES
Venha logo incontinentemente
Pois eu quero conhecer
Os seus filhos, bem contente
e tenho de receber

CUCHARAM
Pois correndo eu me irei
No meu burrinho montado
A dizer-lhe venham todos
Que é gente de muito agrado

Vou-me que não venha por lá
E me ponham tosquidade!...

NOTA: Cucharam, depois de ter falado
com o Rei Velasques, deita a correr
Pelo tablado e vai para casa

D. ALAMEIRA
Esse homem que se foi
Engraçado deve ser
Tenho imensa vontade
De o tornar a ver

REI VELASQUES
Com esse acompanhamento
E meu conselho tomado
Será o melhor banquete
Que até agora se tem dado

CONDE
Pois eu me vou arranjando
Para melhor parecer
Quero receber a mão
Desta formosa mulher

NOTA: Coliram-se todos no terreno
resolhem-se para dentro. Sai
D. Gengalo e seus filhos, os
sete Infantes muito bem armados--
jardos Gengalo fala para os filhos
dizendo que vão acompanhar o Rei
Velasco

GONÇALVES

Meus filhos acompanhai
Vos o pai tão honrado
Vereis neste instante
Colunas de muito agrado

A vós, big grande espolta
Vos tanto bem educado
Para saber defender
O nosso grande folhado

Oh! formosa garção
Como Deus me soube dar
Por amante da mulher
Para me en recriar

Oh! Meus de tale filhos
Pela Deus vos tem de pagar
Tudo o bem que me disseis
Sem eu nada duvidar

Velas que em mim me oculta
Neste não erro
Como vos sabeis tendo
Pela minha garção.

Pois Deus nosso Benhor
Me quis a mim convidar
Com estas sete crianças
Que me sabem respeitar

O dia que fui á esga
Como havia de pensar
Que a vida a estes rapazes
Eu sei a reagitar

Encontrei-me com a criada
Que a todos ia a chegar
Com muita saudades
A todos mandei orlar

Segredo grande e temível
Que jamais foi descoberto
Pela Deus dos Deus e terra
Me guiam com tal certo

Até que vindo orlados
As rocas do meu jardim
As juntei para dar companhia
Até que me chegou o fim

De sangue real sempre foi
Meus amada descendência
Por isso vos mando armar

A todos com grande prudência
E nas nossas mesmas casas
Estas as armas do rei
Sem fixadas nas fronteiras
Respeitemos sua lei

Agora vamos a ir
A Velasco acompanhar
E a sua esposa D. Alambre
Que já se quer casar

NOTA: Vai falar o primeiro dos Infantes
que são o seguinte:

1º INFANTE

Meu pai aqui nos tem
A todos muito bem orlados
Com muito bem vontade
Cumpramos seus agrados

2º INFANTE

Eu intendo muito bem
Que a nossa garção
Está muito adiantada
Nesta pouca Nação

3º INFANTE

E o nosso professor
Muito nos tem ensinado
A pelejar com muita espolta
Que é muito do seu agrado

4º INFANTE

Juremos perante o monarca
Suas bandeiras defender
Com as armas na mão
Pela sua lei morrer

5º INFANTE

Juremos diante de todos
Nossa bandeira guardar
E nos campos de batalha
Sem sabermos pelejar

6º INFANTE

Pois o nosso querido mestre
E o que ensinam melhor
Poi a lutar contra os nossos
Soldados de Almageir

7º INFANTE

Eu nada nos tememos
Os turques desta nação
Trevemos de combater
Que nos fazem muita tração

GONÇALVES

Meus filhos folando eu
Com Velasco sou a parte
Muito determinamos
Improender esse jornada.

De grande necessidade !
 Essas arbas matar
 Deixar livre a mãe
 Para o nosso bom senso

O escrão ofereceu
 Nosso sangue derramou
 A Valaques nosso Rei
 Nós todos obedecemos

NORA: Gengelo e seus sete filhos
 Vão ter com o rei Valasco, fe-
 zem todos a respectiva avenda
 e falam "el Valaques para Our-
 gaves

REI VALASCO
 O sangue não dozeu
 Que me vens oferecer
 E teu valor arrogante
 Mostra de muito poder

Migos binares valentes
 Que em vossa Galhardia
 Mostrais a nossa Raça
 Neste magistoso dia

Nos Gogalves agradeço
 Dos seus filhos a presença
 Pola vossa diante de mim
 Com verdadeira prudência.

Agora sem sumo gosto
 As bodas vem celebrar
 Destes infantes queidos
 Que hoje se vão casar

ELVIRA
 Migo em vos adoro
 De fundo do escrão
 Tenho no peito por vós
 A mais ardente paixão

E se minha brava não
 Não estivesse já pedida
 Dado Migo Gogalves
 Minha alma o minha vida
 Eu te daria pois esten
 Por ti de amor perdida

GENIE
 Como me possa vingar
 Sua morte lhe darei
 Sem medo nem vergonha
 E sem nada reparar

REI VALASQUES
 Entremos que os casaristas
 Todos se vão arranjear

NORA: Valasco, Elvira e Conde se
 sobrem no palácio, baim e passe
 o ficam dentro da torre. Sai fora
 a orlada e o Gubharam que falam
 no tablado

GUCHARUM
 Nas bodas do Rei estão
 Os meus senos bem queridos
 Nos migos não pensam eles
 Nos tem muito esquecidos!...

Naquella noite aqui
 Agora sem mais tardar
 De galinhas e bom proveito
 Arranjamos o jantar!...

Pois assim nos mandou
 Nossa ama plandina
 Olha se o fizesse por bem
 Não tu és muito fino!...

Pois arranja lá o fogo
 E faze-me bem a fogueira
 Que eu vou a buscar vinho
 Faze-me cá a montelra!...

CRIDA
 Se tu e Vinho esqueceiras
 E se bebamos bem falar
 Dado bom reparte
 Eu te havia de arranjear
 Mas assim esquecida
 Tu que és tão berradeira!!

GUCHARUM
 Por favor me chamem todos
 O diabo do Gubharam!...

CRIDA
 Pola bem, se palavra dá
 Muito aqui do maninho
 Conta já com a mulher
 Mas não deves beber vinho!...

GUCHARUM
 E quem te quer a ti diabo!...
 Eu não me quero casar
 Ainda não de alma
 E sempre n o adas a palmar!...

O que quero é passar o tempo
 Como migo do servir
 Beber muito a barriguinta
 E depois deitar-me a dormir!...

CRIDA
 Deitarmos assim juntos
 Na formosa juventude
 Depois de velh e casados
 Para que Deus nos dê saúde

NORA:
 Gubharam e a orlada entram no tablado
 alguma coisa, toca a música, as dois
 vão-se embora muito contentes; No te-
 lrado descehem-se

Rei

Aqui combinam a traição eu
 nome a traição de Velasco.
 Velasquez, D. Alambra, Conde
 e Soldados.
 Gonçalves e os Infantes vão-
 -se para sua casa e fala D.
 Alambra

D. ALAMBRA

Forte ultrage me fizeram
 Em as bodas meus senhores
 Agora quero que sejam
 Sem cessar meus vingadores

Estando todos sentados
 Junto à mesa a jantar
 Um filho dos de Gonçalves
 Chegou-me a namorar

Eu muito enausada
 Para não lhe contestar
 Como devia fazer princesas
 Logo e mandei calar

Depois apara mangação
 Com a esponja me atirou
 Como se fosse carvão e
 A minha cara pintou

Fiquei muito envergonhada
 De me não poder vingar
 E Gonçalves se ria
 Para ele mais mangar

Agora espouse Velasquez
 Nós teremos de arranjar
 Maneira sem dilacção
 Para a Gonçalves matar

E a seus filhos em cadeias
 Logo temos de deixar
 Mentos se nao faça isso
 Não pararei de chorar.

CONDE

Vingança, meu rei Vingança
 Vingança sem dilacção
 Merrar logo esse danado
 Num obscura prisão.

REI VELASQUES

Pensem bem a maneira
 Das coisas se arranjar
 Pois Gonçalves e seus filhos
 Não são bons de matar

Se a eles desafiarmos
 Segundo são de esforçados
 Merrarão sem duvidar
 Todos os nossos soldados.

Mas já arranjei modo
 De nos bem saber vingar
 Ao rei meure com embaixada
 Logo saberei mandar

E pelos seus soldados
 Ordem de prisão lhe dará
 E na cadeia algemado
 A morte ali receberá

D. ALAMBRA

Bem determinado está
 Mas seus filhos vingarão
 A traição de seu pai
 Guerra logo nos farão

REI VELASQUES

Aos seus filhos mandarei
 Sem nenhuma dilacção
 A que tirem a seu pai
 Daquela obscura prisão

E depois de curados todos
 Dos meures e dos cristãos
 Merrarão imediatamente
 Nas nossas formosas mãos

CONDE

Muito bem determinado
 Está rei desta Nação
 Se colhermos os mansebes
 Satisfeito será meu coração

Tão sumamente vingado
 E com tanta fantasia
 Que chegarei a dizer
 Triunfo na noite e dia.

D. ALAMBRA

Isso é e que eu quero
 Per me não ver enjuriada
 Chamemos a D. Gonçalves
 Não é sabedor de nada

NOTA: O conde vai chamar Gonçalves

CONDE

D. Gonçalves meu parente
 Venha que e chama o rei

NOTA: O conde chama Gonçalo

CONDE

Gonçalves Fernão de Lara
 Eu vos venho convocar
 Por ordem do Rei Velasco
 Que deseja connosco falar

D. GONÇALVES

Cá estou muito obediente
 Ao senhor e sua Grei

REI VELASQUES
 Correndo se partira
 A esdova com embaixada
 A falar com esse rei mouro
 Almansor e sua armada

Para que deixe as terras
 A sem dilação de nada
 Se as não deixar por bem
 Será à força da espada.

D. GONÇALVES
 Pois me vou a despedir
 Dos meus filhos tão queridos
 Que se as não torno a ver
 Eu ficarei sem sentidos

NOTA: Conde fala para Gonçalves
CONDE

Num escrito levava
 A nossa forte embaixada
 Bem cerradinho ira
 E o senhor não falará

D. ALAMBRA
 Meu esposo e senhor
 Correndo se partira
 E se me professa amor
 Bem despedido dirá

NOTA: O rei leva a embaixada
 ao Rei Almansor

D. GONÇALVES
 Os meus filhos ficarão sé
 Servindo a sua magestade
 Até que eu torne a ver
 A sua grande dignidade

Aus sorte de Castela
 Com Deus gentes real
 Já não tornarei a ver
 Luzitânia ou Portugal

NOTA:
 No trono do Rei Almansor
 se apresenta conselheiro
 e Capitão mouro e fala o Rei
 Almansor que diz:

REI ALMANÇOR
 Mentado tenho senhores
 De me encontrar com os Laras
 Na peleja sem temor
 Ou nas Belicas batalhas

Pois é gente destemida
 Que com o seu grande valor
 Metem medo a todo o mundo
 Não acham um vencedor

CONSELHEIRO DO REI ALMANÇOR

Nessa ventade Senhor
 A todas as horas do dia
 E pelejar os Laras
 Isso é o que eu queria

CAPITÃO MOURO
 Cá vem com embaixada
 Homem de grande poder
 Um guerreiro muito forte
 Me lembro de o conhecer

NOTA: Gonçalves se apresenta ao Rei
 Almansor e fala Gonçalves a cavalo, de
 pois de Gonçalo falar e rei manda sub
 subir Gonçalves apara o palácio

GONÇALVES
 Mouro altivo e valeroso
 Como raio do seu desatado
 Aqui venho com embaixada
 Como um humilde soldado

Este escrito me entregou
 Rei Velasco teu amigo
 Para que o senhor o leia
 Antes de falar comigo

NOTA: Gonçalves entrega o escrito ao
 Rei Almansor que o lê de bar com mui-
 ta atenção na presença de Gonçalves e
 diz o seguinte;

REI ALMANÇOR
 O que sentade me vejo
 Que convite tão sagrado
 Pois está diante dos meus olhos
 O mais valente soldado

Fernão Gonçalves de Lara
 Me alegro de o conhecer
 Criado na Luzitânia
 Terras de muito poder

Cá temos o teu recreio
 Para te bem arranjar
 O que manda o Rei Velasco
 Famosos para lhe agradecer

Algemado e condeúdo
 A essa cadeia irá
 E depois por minha mão
 A morte receberá

Assim o tenho pensado
 E me o mandou fazer
 O rei Velasco meu amigo
 Que tenho de obedecer

NOTA: O Rei Almansor manda conduzir
 Gonçalves à cadeia pelo seu capitão
 mouro e continua o Rei a falar

REI ALMANÇOR

Oh! embaixada brilhante
Fois me mandam enfeitar
Ao próprio embaixador
Sem sequer ouvir falar

NOTA: A filha do Rei Almançor
pede ao pai para ir à cadeia
conhecer Gonçalo e diz a Princesa
sai:

PRINCESA NOURA

Meu pai por compaixão
Quero agora conhecer
Esse homem que na prisão
Fosse está a padecer

Fois eu gosto de beber
Esse sangue de cristãos
Quero o fazer padecer
Pelas minhas formosas mãos

Ea o farei renegar
A fé de Agnes dei
E com sua própria língua
A nessa lei pregarei

CONSELHEIRO

O recreio é sua filha
Não se lhe deve tirar
Não mateis esse cristão
Sem lhe fazer renegar

REI ALMANÇOR

Filha do meu coração
Tens licença concedida
Tens para lhe tirar
A esse cristão a vida

NOTA: Baixa o pano na Cadeia
fala triste e desconsolado
Gonçalo e diz o seguinte:

D. GONÇALVES

Meu Deus que grande traição
Só agora a reconheço
Nesta horrível prisão
A todas as horas padeco

Que mereço eu Meus Deus
Que pecado cometi
Para que com tal engano
Ser conduzido eu aqui

Velasse Rei e Almançor
Um moure entre cristãos
Sem culpa nem processo
Meteram-me na prisão

Não me custava sofrer
Sendo um grande traidor
Tirai-me daqui Santo Deus
Para que me dais tanta dor!?

Ainda não era bem
Pensar em terras cristãs
Que fui conduzido eu
A mouros nas suas mãos

Santo Deus valei-me aqui
Não me façais mais pensar
Melhor quero eu morrer
Fazei-me logo matar

Onde estão os meus filhinhos
Que me não veem a libertar
A quem nesta obscuridade
Está sem poder falar

Filhos do meu coração
Aqui vos queria eu ver
Tirai-me desta prisão
Não me deixeis padecer

Onde estais filhos amados
Onde mulher tão querida
Tirai-me aqui estas algemas
Resgatei-me aqui a vida

NOTA: Na cadeia aparece a Gonçalo a
a princesa moura e fala para Gonçalo
vez de Lara diz o seguinte:

PRINCESA NOURA

Venho a tirar as algemas
A este misero cristão
Depois lhe darei tormento
Pela minha régia mão

Oh! famoso Lusitano
Quero agora que renegues
A lei que tu professas
e a minha logo pregues

Adoremos a Mafoma
Que é rico e diligente
Não adores o teu Deus
Que é muito indigente

D. GONÇALVES

Isso me faltava agora
Para acabar de pensar
Queria sofrer com mortes
Primeiro que renegar

Minha lei que é cristã
Santíssima na eternidade
Que sabe premiar os justos
É o Deus da Caridade

A sua é um engano
 É um erro enganador
 Que condena muitas almas
 A um fogo agramador
 Por isso elha menina
 Princesa a mais formosa
 Faz-te agora aqui cristã
 Ficarás como um a rosa

E então receberas
 Minha alma e coração
 Consolando-me por horas
 No meio desta prisão

PRINCESA MOURA
 Cristão as tuas palavras
 Me fazem a mim tremer
 Não queiras colher por tua
 Esta formosa mulher

Que tuas palavras fiquem
 No centro do meu coração
 Eu serei quem te darei
 Consolo nesta prisão

Nunca a ninguém temerás
 Serás meu amor primeiro
 Tirarte eu estas algemas
 Isso e farei primeiro

NOTA: A Princesa tira as
 algemas ao Gonçalves e este diz:

GONÇALVES
 Queira Deus que assim seja
 Se fazes o que te eu mando
 Tu recolherás o primeiro
 No paraíso entrando

PRINCESA MOURA
 O que dar mandas farei
 E com o meu coração
 Teus conselhos colherei
 No meio desta prisão

NOTA: aqui os sete infantes
 se descobrem armados e arran-
 cam das espadas.

1º INFANTE
 Amas meus irmãos todos
 Guerra contra esse mouro
 Pois que nos tem escondido e mais
 O mais feroz e temouro

Iremos contra ele
 Sem em perigo reparar
 O nosso pai soltemos
 Das cadeias de Alamar

Resumamos as bandeiras

Faremos nossas bandeiras
 Em essa mistica cidade
 Entusmos e ao nosso pai
 Damos logo liberdade

Como raios desatados
 De céu vamos pelejar
 Contra esses mal criados
 Os soldados de Alamar

Juremos pois meus irmãos
 Defender nossas bandeiras
 Pois eu sou Gonçalves Vasto
 E aqui juro defende-la.

2º INFANTE
 Eu Gonçalves chamado
 Aqui agora jurarei
 Ir em contra esse mouro
 E sua maldita lei

Como tigre enfurecido
 Em contra ele direi
 Ao pai com minha mão
 Logo solta lhe eu darei

Pois menos não cumprarei
 O pai havemos soltar
 Logo incontinentemente
 Sem em perigo reparar

Nos campos dessa cidade
 Nós teremos de morrer
 Fazendo guerras mortais
 Nunca nos acobardar

Até que vendo já o neno
 Que nos não possa vencer
 Lhe de solta ao nosso pai
 E não o deixe padecer

3º INFANTE
 Diogo Gonçalves eu sou
 Dos mais valentes temidos
 Mais agora nesta imprensa
 Muito tenho padecido

Por eu ver aprenionado
 Meu a mim me deu e ser
 Tendo varão tão honrado
 Ver o pai a padecer

Aqui vos juro 6 irmãos
 Que meu esforço e valôr
 Saberd bem pelejar
 Sempre serei vencedor

Levemos as bandeiras
 E nesses campos bem fixar
 Para que olhem com raiva
 Os malditos de Alamar

Eu pretendo o desafio
Contra o mouro direi
A meu as algemas
Logo as eu tirarei

4º INFANTE
Martins Gonçalves chamado
Pela minha viscaria
Quo eu me tenho criado
Sem temor nem galhardia

Aqui chegando a saber
Que o meu pai está a peia r
Com minhas ventades vou
Correndo-lhe a reagatar

Pois eu valente soldado
Sem vergonha nem temor
Contra esse mouro alíve
Eu serei meu vencedor

Juro em nome da fé
Que eu tenho de cristão
Horrerá quem o não puser na m
Minha direita mão

Se vos jure meus irmãos
Que eu nunca temerei
As espadas desses soldados
Nem a sua maldita lei

5º INFANTE

Gonçalves Augusto de Lara
É quem vos está a falar
Quem vos acompanhará
Sem eu nada duvidar

Pois me eriei entre serras
Da provincia de Trás-os-Montes
Onde os mouros malditos
Tinham antes os seus fortes

E nunca soube temer
Nem a homens nem a ferro
Os que se acham a morar
Em baixo dos estelos

E se de ante não temi
Como vos tenho falado
Menos temerei agora
Por serem de mais agrado

Se com vidas eu tivesse
Todas as tinha de dar
só pelo amor dum pai
A quem quero reagatar

6º INFANTE

Ricardinho sou irmão
De estes infantes queridos
Olhai ahí irmãos da alma
Diremos com os sentidos

O Conde de Aro chamem
Para nos acompanhar
O homem da D. Elvira
Que muito noas sabe amar

E com sua direcção
As armas bem manejar
Olhai que são muito finos
Os soldados de Almar

Por isso irmão querido
Meu bom pepinho Gonçalves
Vai falar ao Rei Velasco
Dizendo logo que sabes

E a tua detenção
Não nos faças padecer
Libertando nosso pai
E não o deixar morrer

NOTA: O 7º Infante vai para a estar
com o Rei Velasco e fala.

7º INFANTE

Meu tio Rei e Senhor
Pepinho Gonçalves sou
Que sabeis com frequência
Até agora vos amou
Eu aqui venho pedir
Em nome de meus irmãos
Que ponhais logo a meu pai
Nas nossas humildes mãos

Pois está sempre penando
Na cadeia a a padecer
colhido nas mãos de mouro
O que tem tanto poder

Nos falam que foi oculta
Por vós feita uma traição
E o que queremo saber
Entrando em sua Nação

Armados estamos já
Pela ordem esperando
Um chefe da sua armada
Para nos ir comandade

REI VELASCO

Eu com gosto mandarei
Minhas tropas arranjar
Ao conde de aro mandar
Para vos acompanhar

E nunca observeis traição
Na minha grão fidalguia
Quero colher vosso pai
Na minha companhia

Por isso vai-te sobrinho
Juntar-te com teus manos
Que lá vai o conde e tropas
Contra esses africanos

NOTA: O 7º Infante vai-se embora despede-se de seu tio Rei Velasco e vai juntar-se aos irmãos
Faz a devida vénia ao Rei

CONDE
O que contente me vejo
Por findar esta traição
A todos vos pisaremos
Sem medo seu coração

REI VELASCO
Vá-se com tropas que sou
O traidor contra o meu sangue
Não duvido tudo isso
Quealgum dia se me pagara

NOTA: Aqui o Conde e soldados se juntam aos Infantes; se dirigem ao Rei Almanor e nesta altura vai a Moura à cadeia falar com Gonçalves.

PRINCESA MOURA
Cristão muito querido
Pela tua religião
Em ti tenho eu fixado
Meu humilde coração

Agora quero gear-te
E isso chega o meu amor
Gonçalves nunca te esqueças
Adora-me com fervor

GONÇALVES
As horas do meu recreio
Tu me as dás ó mulher
A ti agradeço eu
Não me deixes padecer

MOURA
Eu cristã quero ser
A ti quero imitar
Com a água do baptismo
Minha alma hei-de lavar

NOTA: Vai o primeiro anjo à cadeia falar com Gonçalves
1º ANJO DO CÉU
Aqui venho por mandado
Do nosso Deus celestial
A consolar-te Gonçalves
Como anjo real

Venho a pedir-te o favor
De falar com a mulher
Moura que tanto te ama
Pois se quer arrapender

Olha Gonçalves por ela
Para sua alma resatar
Dessa tirana lei

Pois por amor de nós
Deus fez seu filho baixar
A estomundo impuro
Para de Satan nos livrar

Gonçalves tem paciência
É Deus que te recomenda
Olha bem pela tua alma
Essa é a melhor prenda

Se queres recebe aqui
Agora minha rapão
Ama a Deus de alto céu
Com o teu bom coração

E não te esqueças que Cristo
Muito por nós padeceu
Quando te venham trabalhos
Põe os teus olhos no céu

Que com muita vontade
Ele te receberá
E tua alma na Glória
Coroada se verá

Branca-Luna ama Gonçalves
Com o teu bom coração
Que nesse Senhor do Céu
Te dará sua bênção

NOTA: Gebrem-se todos na cadeia; no palácio do Rei Velasco fala o capitão General

CAPITÃO GENERAL
Meu senhor e muito honrado
Cavaleiro tão leal
Nunca eu vos conheci
Até agora fazer mal

Mas em vista da traição
Que aos sobrinhos tem armado
Aqui me venho oferecer
Como valente soldado

Diante de todos irei
Muito bem a comandar
A esses sete japoneses
A morte lha saberei dar

Até a veiga de porcos
Eu os acompanharei
E sem darem pela conta
A morte a todos darei

Que sou Capitão General
Contra mouros esforçados
Pois pelas muitas pelejas
Tenho eu este trançado

Com esse meu Senhor
A sua senhoria real
Que nos torneios passados

E quando os sete infantes
Ao seu amigo nataram
Já ia eu contra eles
Mas por bem não me deixaram

Conde Fernandes Gurreia
Que a Gonçalves acompanhou
Foi quem se pôs diante de mim
Pelejar não me deixou

E fiquei sempre danado
Contra esses cavaleiros
Que como meus sobrinhos
A ferir foram primeiro

Rei Velasques não te mudo
De ninguém já temido
Pois juro em nome da fé
Serei e mais atrevido

Já quando Fernão Gonçalves
A prisão encerrou
Por ser conduto seguro
A mim me entregou

Eu depois bem algemado
A cadeia e levei
Da qual ele se escapou
Não respeitando a lei

Ninguém soube onde estava
E D. Sanha levou
Sem licença de ninguém
Com ela logo casou

REI VELASQUES
Tudo pagará agora
Vai pois a comandar
Os soldados que já esperam
Para ir a batalhar

NOTA: O Capitão General sai
fora e vai falar com os soldados

CAPITÃO GENERAL
Meus soldados valerosos
Se ponham em formação
Que vamos a pelejar
A pisar o cerção

A flor da juventude
Mais honrada e mais leal
Que há na nossa nação
Sem reconhecer o mal

Os sete infantes de Lara
Que já chegam tão armados
Por ordem do rei Velasques
Aqui serão esperados

E quando mouro Almançor
Com eles queira pelejar
Nós sabemos também
Para a todos bem cercar

O conde com uma esquadra
Eu com uma companhia
Cercaremos os infantes
Sem nenhuma esbardia

Depois por todos será
Passado seu cerção
E sem nosso findar
A mais notável traigão

Juntos todos seguirão
Sem perigo nem temor
Parapodar combinar
Com esse Rei Almançor

Que é quem consumara
Esta tão forte traigão
Pois do Rei Velasques amado
Já tem ele a razão

Nunca vos acobardeis
Eles são muito esforçados
Nem a espadas nem a lanças
Não tem medo esses soldados

Por isso soldados todos
Bem juntos em pabilhão
A ora bem de segredo
Cumpram a minha razão

Bem formados estarão
Aqui até eu baixar
Que me vou muito depressa
Com Velasques conversar

NOTA: Forma os soldados todos
e ficaram a espera do seu Capitão
que foi receber ordens do rei
Velasques.

1º INFANTE

Vamos morramos juntos
Pois que perdidos estamos
Ante os mouros malditos
Se rendam às nossas mãos

Assim o terminou
Nesse Velasques querido
Prometendo-nos em tudo
Ser dele favorecido

Falsificação nos fez
Pois que nos vemos cercados
Cercados de 15 mil homens
Nesse sangue derramemos

Pela fé do nosso Deus
Nós todos juntos morramos
Pela honra do nosso pai
Como uns fidalgos manes

3º INFANTE
O meu pai tão querido
Como agora ficarás

Sem tornar a ver os filhos
 Bom recreio colherás

Irmãos do coração
 Esforçados cavaleiros
 Já mataram nosso mestre
 Quem nos dava os conselhos

Pouco valeu o ensinarmos
 As armas a manejar
 Agora mouros cristãos
 Todos nós queremos cercar

1º INFANTE

O traidor mouro aleivoso
 Teu alfange einjirás
 Nas cabeças dos infantes
 Tu nada repararás

Vem rei Velasques traidor
 Pois agora nos verás
 Num batalha sangrenta
 Com nosso pelejarás

D. Alambra aqui nos tem
 Que qual vário Guerreiro
 Sem ajuda de ninguém
 Eu pelejarei primeiro

Pois sou dos sete infantes
 A cabeça principal
 Por isso eu reconheço
 Estou metido em grande mal

Nas não deixarei contudo
 De minha espada esgremar
 Aqui sei muito bem
 Que agora me vou finar

4º INFANTE

Eu daqui desafio
 O rei Velasques traidor
 Não faltará quem pague
 A tua honra e valor

Salta ao campo também tu
 O conde agalordado
 Já nos verá pelejar
 A todos com muito agrado

5º INFANTE

Sim irmãos não tenhamos
 Pois que vamos a morrer
 Fiquem nossos corações
 Primeiro do que ousar vencer

2º INFANTE

E todos juntos iremos
 Com nosso Deus a morrer
 E todos os anjos do céu
 Nos terão de comear

CAPITÃO MOURO

Já temos cá os cristãos
 O que contente me vejo
 Seu coração pisarei
 Assim é o meu desejo

Cristãos virão à batalha
 Juntos todos pelejar
 Pois que nosso rei vos manda
 Mouros vamos a matar

Cerquem todos correndo
 Com as lanças trespassemos
 Esses corpos de cristãos
 Pelos campos deixaremos

Eu capitão de soldados
 Na nossa bela Nação
 Tenho agora de pisar
 Contente seu coração

Seu coração trinearei
 As batalhas que tenho dado
 Logo eu as pagarei
 Assim é o meu agrado

Pois que sou mouro atrevido
 Uma fera me criou
 Por isso agora me vejo
 Como quem se castigou

Como raio do céu desatado
 Tu a ninguém temerei
 Sou o mais forte guerreiro
 Dos que conta nossa Grei

Oh! quem me dera já estar
 Entre as espadas metido
 Matando e desbaratando
 Como leão atrevido

Para isso me cá eriei
 E os galões que tenho
 Nas batalhas os ganhei
 Com a peró desenho

Nem nunca soube temer
 Nem eu quero respeitar
 Ordens desses cristãos
 Que só sabem falar

A Afona adorarei
 Ao nosso alá subindo
 E quem sabe dar força
 A minha direita mão

Em ele creio e espero
 Nesta batalha ganhar
 Pois com o seu poder
 E que me sabe ajudar

Por isso nunca me esqueço
Sempre a ele pedirei
Nossa lei com nossa língua
Sempre a ele pregarei

Eia soldados valentes
As armas bem arranjar
Os cristãos com ventade
Já chegam a pelejar

NOTA: Pelejam todos em Ge-
ral e fala o conde que diz:

CONDE
Perdidos estais ó infantes
Agora como a pagar
As festas pois a D. Alambra
Se quere de seus vingar

6º INFANTE
Isso sabemos nós
Não temos que ignorar
A traição pois de meu tio
Nos quere ao mouro entregar

CONDE
Já não vos vale o saber
Nem tão pouco pelejar
Não vos podeis defender
Dos soldados de Alamar

7º INFANTE
Defendendo a santa fé
Morr emus todos matando
Esses mouros que sem medo
Nos vem todos cercando

CONDE
Todos serão bem entregues
A este rei Alangor
Cortadas vossas cabeças
Levarão-nas ao Alangor

6º INFANTE
Forças temos já pedido
E no-la tem negado
Algun dia se pagará
Este feito tão danado

Todos vamos a morrer
Pela fé como cristão
Entreemos já na batalha
Contra esses africanos

2º INFANTE
Cercados mas tem já
Morreremos todos matando
Nunca vos acobardar
Aqui nos vem cercando

SIXTENTHE

CONDE
Descansem meus camaradas
Sem nenhuma dilação
Pois agora neste dia
Se vai a entrar uma ação

A mais terrível do mundo
Por se não ter esquecido
Da desonra cometida
Contra dum vil atrevido

Pegam forças a Velasques
Mas ele não as dará
Não sejais ignorantes
Ninguém nos ajudará

NOTA: O 3º infante sai da Batalha
e a fugir no seu cavalo montado v
vai pedir socorro ao tio Rei Velas-
ques e diz-lhe o seguinte:

3º INFANTE
Meu tio olhe o seu sangue
Não o deixe derramar
Se não a vida de alguns
Ainda tem de custar

REI VELASQUES
Eu não me tinha esquecido
Da desonra que fizesteis
À minha esposa querida
Seu cavaleiro matasteis

Agora meus sobrinhos
Olhai se podeis livrar
Vossas vidas de entre mãos
Desse maldito alamar

Morrereis sem dilação
Pois tenho determinado
Entregar-vos a esses mouros
Assim é do meu agrado

Pois já não tendes ajuda
Nem vos quero eu dar
O que quero e peço aqui
Ver a todos já matar

NOTA: O Infante se despede triste
e magado pela má resposta que seu
tio lhe deu e vai meter-se novamen-
te na luta ou batalha e fala ao 5º
infante que diz o seguinte:

5º INFANTE
Não ganhais nada com isso
Pois nós todos morreremos
Pela fé de Jesus cristo
Todos nos encomendemos

4º INFANTE

Besse apo stolo S. Tiago
Devei-nos aqui livrar
Que na Glória Divina
Nos terá de coroar

7º INFANTE

Irmãos meus mais frágil
E conheço morreremos
Por isso a Jesus Cristo
As almas encomendemos

6º INFANTE

Arranjenos as espadas para
Para as vidas tirar
A esses soldados mouros
Que nos estão a cercar

NOTA: Aqui fala o capitão
General do Rei Velasquez
e diz o seguinte.

CAPITÃO GENERAL

É que contente me vejo
Minhas tropas vou comandar
Aos mouros muito desejo
Os infantes entregar

NOTA: Estão todos armados
para começar o combate ou
a terrível batalha. Os infantes são
são coroados pelos mouros
e pelos próprios cristãos
que lhe são falsos. O trono do mour
do mourofalam Alamar e
Conselheiro, Capitão e sol-
dados mouros

REI ALMANÇOR

Traição é de Velasquez
Seu próprio sangue quis vender
Pois mandou um lusitano
Para aqui a padecer

Agora determinado
Tem também de nos mandar
Seu capitão e armas
Com gente a pelejar

NOTA: Ven vindo os soldados
o exército cristão e in-
fantes

CONSELHEIRO

Já vejo suas bandeiras
Avermelhadas estão
Se cumprirem o prometido
Suas terras nãois pizarão

CAPITÃO MOURO

Cortarei suas cabeças
E ao nosso rei Almançor

Logo as entregarei
Para que vejam o meu valor

REI ALMANÇOR

Capitão vai-te aos soldados
Que já chega muita gente
Sai sem dilação nenhuma
Aos cristãos fazer frente

NOTA: Chega um Capitão General
e soldados cristãos e pelejam
muito, morrem os infantes, um a
um ficando os infantes todos esultos
depois saem fora o Conde e o Capitão
tão mouro e diz o Conde.

CONDE

Já ficou bem satisfeito
A minha vingança feita
Agora vou-me embora
Arranjar uma festa

NOTA: Vai-se o Conde, capitão-general
depois de ter falado com o capitão
mourro é que se vão embora para o seu
apartamento e soldados e fala agora o
capitão mourro.

CAPITÃO MOURO

Quanto eu me regalei
Com findar esta tração
Pois minha lança pusei
A todos em coração

NOTA: O capitão mourro corta-as
cabeças dos infantes e faz convite
com elas ao rei Almançor

CAPITÃO MOURO

As cabeças dos infantes
Agora aqui cortarei
Ao nosso rei Almançor
Com elas convidarei

NOTA: Corta as cabeças e leva-as
de presente ao Rei Almançor e diz
o seguinte.

CAPITÃO MOURO

Oh! o presente tão bom
Para hoje eu arranjer

NOTA: Leva as cabeças e no trono
as apresenta ao Rei Almançor

REI ALMANÇOR

Mil parabéns eu dou
Aos meus soldados valentes
E a quem os comandou
Para matar essas gentes

Agora meus amigos
Para eu mais me vingar
Quero também a Compalves
Dar-lhe hoje de jantar

Capitão a essa sedeia
 torrendo legião
 E dando solta a Congalves
 Tu aqui no trairás

CAPITÃO MOURO

E sem nenhuma detenção
 Confiante obedecerá
 E sem muita ligeireza
 Tu aqui vo-lo trairás

MORA: O capitão mouro vai à
 sedeia buscar Congalves e diz
 o "conselheiro"

CONSELHEIRO

Daninha é de contar
 Nas histórias figurada
 Sempre se tem de lembrar
 Na nossa d'elles armada

MORA: Congalo já vê pouco
 de tanta chomar na sedeia
 O capitão leva-o pela mão
 Chega o capitão com Congalves.

EMI ALMANGOR

Gristão aqui justarda
 O que eu agora te der
 É depois renegarda
 Da tuamaldita ré

MORA: Ficam todos a jantar, o
 Capitão e Conselheiro, Congalves
 e toda a comitiva da casa real
 Depois te findo o jantar fala
 o Rei Almangor

EMI ALMANGOR

Para mais te convidar
 E veja's minha dengão
 Deste fruto gozardás
 Pronto do teu coração!...

MORA: Agora apresentam-se na mesa
 as as cabegas dos Infantes muito
 ensanguentados e um anjo de cada
 lado da mesa cada um com sua bela
 moesa na mão, Congalves cai ao chão
 ao ver as cabegas coradas de seus
 filhos e fica como morto, Congalo
 levanta-se muito chorando muito e
 lamentando a morte dos filhos.
 Os anjos devem ter um véu a tapar
 a cara.

Fala Congalves e diz o seguinte:
 Não também sinais nos sinais como a
 enostrar mortes fala Congalves!

GOGALVES DE LARA

AO Cã meu Deus espanto
 Chá tralção, tralção, tralção!...
 Como se vê ensanguentado
 Parte do meu coração

Filhos de minha alma
 Fruto do meu sangue jardim
 Quem teria de pensar
 Que aqui seria vossos fim

Que vindeis queridos filhos
 Que vindeis a qui buscar
 Para vos darum a todos morte
 Os soldados de Almangor

Quantas vezes libertai
 Vossas vidas meus amados
 Para chegar a ooddeer-gos
 Como valentes soldados

Na providencia de Treu-ee-Montes
 A todos vos eu erai
 E sou um bom professor
 A todos eu ensinei

Em ante de viveiros
 Fonte dos engrandados
 Eu fia que não se afoga-se
 Estes filhas tão amados

Agora olho aqui
 A todos tão sangrentados
 Sendo em terras de Lara
 Meus filhos bom respeitados

MORA: Congalves vai agora mostrando
 ao povo as cabegas dos Infantes uma
 por uma e fala Congalves dizendo a
 cada um dos Infantes seu verso de tr
 or seguinte:

GOGALVES DE LARA

Congalo Tuisto querido
 Filho do meu coração
 Abre os olhos agora
 E pode minha bengão

Congalveso Filho amado
 Qu'a não te orien
 Filha disse-me agora
 um foi que te matou

Dizgo Congalves meu filho
 Não me fregals mais pensar
 que sou grande sentimento
 Tu já não posso eborar

Martinho dos meus olhos
 Filho do meu coração
 Disse-me agora aqui
 Quem te fez essa tralção

Congalves Augusto querido
 Que de ti fico esquecido
 Olha agora para mim
 Dá valor ao meu sentido

Negar-te oha-me bem
Não me fagas mais pensar
Pelo amor que te eu tinha
Aqui te quero beijar

Repinho filho da alma
Olha agora tua mão
Como te esqueces-te dela
Por libertar tem pai

O Rei Velasco que traidor
O traidor contra o teu sangue
Kosco Senhor Deus do Gra
Te és um morto exangue

Da morte de sentimentos
Não corraço se desfas
Olhos tristes não chorais
Que eu morto neste instante

Já não vos vejo meus filhos
Pois à força de chorar
Agora aqui na cadeia
Acabarei de negar

E de pena morrerel
Aqui faltar é meu tormento
Aoitar aos sete abogus
Obra de muito tormento

Junta-te a estes filhinhos
Sem corraço mal fora
Que já não posso falar
E ainda ultima agora...

BRINCELA NOVA
Tremendo de sentimentos
Perdes gemidos essentel
E de tanto ouvir sofrer
Sem sentidos fiquel

HORA: Desengane-se os abogus e
Gongalves é condusido para a
cadeia pelo capitão ; a prisioneira
também é acompanhada e fala-lhe
depois de ficar só os dois na
cadeia para o consolar.

BRINCELA NOVA
Não choras grande estrição
Que meu filho vingard
Velasco e o D. Alambra
Cruel morte lhe dará

Pois sabes é de teu sangue
Indarte por ti gerado
E em tudo 'o parecido
E um galante soldado

Agora vai para casa
Gongalves muito leal
Te solto e te acompanho
Pela tua essential

HORA: Aqui aparece o 3º anjo ao
narr Gongalo da cadeia. O anjo li
vra Gongalo pela mão até chegar
ao tablado dos erísticos e pelo o
caminho diz aos versos que já de-
ve saber de cor, abegando ao tab-
lado o anjo desaparece. No tabla-
do dos erísticos da companhia de
Gongalo pelo caminho fala o anjo
e diz o seguinte:

ANJO DO GRY
Por mundo de Jesus Cristo
Eu sou o teu libertador
Adiantemos o passo
Ainda sem medo e temer

As tuas lágrimas benditas
Focaram nozes senhor
Ficar-te dessa prisão
E aliviar tua dor

De entre muros e selvagens
Ficar-te Deus no mundo
Tua alma não se porra
muito da recordação

Andemos pelo caminho
Andando sem tilação
Que já fiquerd tranquilo
Fou amanto corraço

E a luz que ainda não
Aqui de vai alumiando
Ali no seu fiquerd
O teu amante ocupado

Stas nágoas e teus choros
A Deus muito consolim
A ponto que tua alma
junto de Deus colideram

Agora te deixo só
A tua terras tens abegado
Já tens outra companhia
Para que sejas guiado
Não penses em te vingar
Deus não quer esse pecado
Pode é não delorece
De toda e teu corraço
Para poderes alcançar
De Deus piedade e parão

HORA: O anjo volta-se embora, e Gon-
galves segue para sua casa falando
abrilho e sego e diz Gongalves p
pelo caminho:

GONGALVES DE LARA
Oh! quem poderá esquecer
Meus filhos tão amados

Su Velasquez os entregastes
Aos nobres e soldados

Filhos vindo acompanhar
Neste passo tão dolorido
Que já fiquei sem olhos
E chorarei sem sentido

Já cheguei as minhas terras
Meus filhos morando aqui
Como o nosso Deus do firm
Na glória no espartilho

NOTA: Dequalle chega á sua na-
ticia morada á sua casa e sobre-se
acontece-se no seu competente lugar
Ao trono do Rei Almagor se des-
cobrem a princesa Moura e seu filho
Mudarra e fala a princesa Moura:

PRINCESA MOURA

Meu filho quero que sejas
O vingador da traição
Que fizeste a teu pai
Lá os da sua Raça

Foi traidor contra seu sangue
Velasco este meu pai
Que soube pela sua esposa
Vender toda a sua Orde

Sete filhos do teu pai
Que dum parto foram nascidos
Pela traição de Velasquez
Nestas terras foram colhidos

Pelo teu avô Almagor
As esbegas lhe cortaram
E depois para se vingarem
A teu pai lh'os mostraram

MUDARRA

O que manda eu farei
Logo imediatamente
Montarei no meu cavaleiro
MATHINGUNXATHINGUNXATHINGUNX
Sem levar nenhuma gente

Eu procurarei Velasco
Agora desafiarei
No campo da batalha
Com ele pelejarei

E perante a minha força
Não lhe poderei valer
Sua sega astucia
E seu maldito poder

PRINCESA MOURA

Depois fás por visitar
Teu pai virtoso pai
Faz-lhe uma visita
Da parte do teu mãe

Diz-lhe que pelo baptismo
Queres lavar tua alma
Para subires á glória
E colhares todo deplano

MUDARRA

Já se não deuenho nada
P'ls que o meu coraço
Reté para se plugar
Desse erro e dessa traição

Por isso ainda malizava
Fiquei sem Deus que se vou
Fois que aboto já do fogo
Aqui esbago que estou

NOTA: Mudarra monta no seu cavale
e vai procurar o rei Velasco no seu
trono e que o desafia dizendo esta
coisa se passa fala o mandrilho eu
desturam e a erlada

GUERRINHUM

Agora sim eu estou
Em tudo muito contente
Fois os meus olhos vos
De novo aqui muita gente

Cego veio moço amo
A força de tanto ebanhar
Se eu colhere os noivos
Logo os faria rebanhar

Minha erlada tu agora
Que perante do ralhar
Já que veio o moço amo
Vem cá contigo a dançar

ERLADA

O bruto dança tu só
Quem não posso parar
Tenho que trabalhar muito
Para o meu soldo ganhar

GUERRINHUM

Já morreram os infantes
Que querias afogar
Lá por debaixo das viveiros
Pelo teu fato ganhar

ERLADA

Tu não sabes o que dizes
Não me fagas empagar

GUERRINHUM

Foi por vontade e por força
Foi farei aqui dançar

NOTA: Eriado e erlada começam a dan-
çar até que o mudarra lo apresenta b
bem armado a falar com o Rei Velasco
MUDARRA

Cheguei ao campo cristão
Ao rei Velasques buscar
E com sua magestade muito quer
Muito quero conversar

Da corri castela
Sem ninguém me perturbar
A mim bem me conheceram
Seu soldado de Alamar

A ninguém neguei a Pátria
De quantos me procuraram
E sem dúvida nenhuma
Os caminhos me ensinaram

Agora cheguei a ver
A coisa que procurava
Velasques e sua corte
Que era quem eu buscava

Velasques bem te conheço
Cumpra agora teus desejos
Venho falar contigo
E conhecer teus manejos

Sai bravo sai daqui
Que só a ouvir-me falar
Já sabes as que venho
Já podes imaginar

NOTA: No trono se desce hymn
Rei Velasques, Conde de Aro e
D. Almaraz assentado e fala Mudarra

MUDARRA

Oh! faces desconhecidas
Pelo crime cometido
Olhai-vos agora aqui
Não se vos perde o sentido

Eu sou Mudarra Senhores
Meu avô é Almaraz
Meu pai sendo de Castela
E eu vesso vingador

A traição que vós fizestes
Aos sete Infantes de Lara
Aqui a venho a vingar
E a atirar-te eu cara

Oh! traidor contra o teu sangue
Como sebestes mandar
A Gonçalves com esbaixada
Mandando-o aprisionar

Oh! traidor contra o teu sangue
Para dar gosto ao coração
Entregaste a juventude
Desta formosa Nação

Oh! traidor contra o teu sangue
Desde aqui te desafio
Pense em sair vitorioso
E no meu coração confio

Oh! traidor contra o teu sangue
Aqui tua pessoa
Não venha a tua gente
Isso sei coisa boa

Oh! traidor contra o teu sangue
Pelejemos braço a braço
E tu verás o valor
Minha lança e braço

Oh! traidor contra o teu sangue
Oh! Conde agalardoado
Tu te comprometeste
Só por te veres vingado

Por isso foi a traição
Das suas bodas armadas
Rei Velasques já vem
Que eu não duvido nada

NOTA: O rei Velasques sai fora
do trono, desce agora de cavale
e Mudarra e pelejam braço a braço

REI VELASQUES

Pois que de outra maneira
Já mais nos encontrarei
Quem te falei minha traição
Quem de tudo te contou

Quem com tanto valor
Esta traição te contarei
Pois me queria vingar
Como de ti vingarei

A minha vida ruiva e morrer
A vida lhe tirarei

MUDARRA

Para que vejas o modo
Que tenho aqui morrer
Para cumprir tua vontade
De cavale vou descer

NOTA: Desce de cavale e seba para o
tablado e pelejando por algum tem-
po morre o Rei Velasques e o Conde
a pelejar e fala o Conde

CONDE DE ARO

Também quero pelejar
Pois é minha obrigação
E seja uns os outros
A pisar o coração

RODARNA

Isso quero eu aqui
O que contente no vejo
Na natureza este conta
Para cumprir meu desejo

ROSA: Falejando muito, morre
o Conde de Albi, Rodarna fala
para D. Alambra Alambra

RODARNA

Aqui D. Alambra
Eu tiras por tua mulher
Sem de pagar esse crime
Também tem de morrer

ROSA: Rodarna entra no tronco
e mata D. Alambra e continua a
falar Rodarna:

RODARNA

Sem aliação nenhuma
Sem pai vou conhecer
Ainda o quero Deus
Antes que tenha de morrer

ROSA: Rodarna vai procurando a
oana do seu pai que deve estar assentado
à direita do tablado e fala Rodarna
para o pai:

RODARNA

Meu amigo onde estard
Da Congalves conheido?

ROSA: Congalves sentado na
cadeira à direita do tablado
responde o seguinte:

CONGALVES

Eu darei matões de
fructo mais ao meu covido
E digno e bombar quem é
Com multissimo sentido

RODARNA

Seu filho é uma mouro
E por Congalves gerado
Pois assim a minha mãe
Assim me tem contado

CONGALVES

Es Rodarna querido

RODARNA

Estai sem esse que disseis
Pois vim para me vingar
Dos traidores do meu sangue
A quem eu vim a matar

Agora minha mãe
E mandou a conhecer
Meu pai Conde de Castela
Que ela já não torna a ver

CONGALVES

Já Deus se conhece vista
Meus olhos tornam a ver
Que vilagre tão patente
Se deixa aqui conheceri...

Para me mais entender
Meu avô eu falei
Aquela fermosa mouro
Que na cadeia eg avô

E se me apresentar
Aconhecido será
For filho de quem lhe fala
Até à morte mouro

RODARNA

Ainda me me entregou
D'um mal sentido
E disse que não me esquecesse
Dale até a eternidade

Aqui está o lha-o bem
E não se queira enganar
Pois a joia que entregou
Quem tanto sabia amar

CONGALVES

Agora mandito eu
Pois of meu filho querido
A olhar para o mal
Já se me turba o sentido

Eu sou teu pai Rodarna
E forte pelojador
Eu batalhas e ações
Contra do honro Alambra

Meu condeado eu ganhei
A forga do pelojar
Eu o reinado do cast la
Contra o mouro de Alambra

E a não ser pelas traições
Do rei Velasquez traidor
E sem aliação nenhuma
Se vender ao meu valer

Meu assim meu filho amado
Tudo se foi acabando
Dado que eu durgo se começa
D. Alambra ir vingando

Entre existos e mouro
Os meus filhos são vendidos
No meio do quinze ali homens
Foram dados degolados

MUDARRA

Pois o Rei Velasquez matei
Com o fio da minha espada
A traição dos infantes
Por mim bem vingada

Também ao Conde

A morte lhe soube dar
Com o ferre da minha lança
Sem o soube trespassar

E também do D. Alambra
Muito me soube vingar
A matei e dei ordens
Para seu corpo queimar

Mas depois p'ra lhe dar gosto
E cumprir meu ordenado
Com a água do baptismo
Eu quero ser purificado

Minha mãe assim o quer
Para ser um bom cristão
Meu pai arranje padre
Eu beijarei a sua mão

CONÇALVES

Isso meu filho que pedes
Quero antes de morrer
Para dar gosto ao mundo
Cristão te hei-de fazer

E logo d'aqui te irás
E ficarás purificado
E se cumprires esta missão
Toma já conta do condado

NOTA: Se cobrem o criado vai chamar o padre, e ali é baptizado, Mudarra, mudando de traje: enquanto esta cena se passa fala no trono o Almançor:

REI ALMANÇOR

Onde tens a Mudarra
Filho do teu coração

PRINCESA NOURA

Oh! meu pai eu não sei
Onde mudarrá estará
Se foi a terras de cristãos
Sósinho bem se olhará

Isa para se vingar
Da morte de seus irmãos
Pois queria o Rei Velasquez
Dar morte com seus mãos

CONSELHEIRO

Mal feita foi a traição
O seu sangue assim vender
Aos seus grandes inimigos
Por se findar danulher

30
Mas eu não deve estranhar
Aos que se chamam cristãos
Valentes são no pelejar
Mas muito pouco irmãos

Sempre estão a fazer
Uns aos outros traíções
Por isso foram enviados
A esta feroça Nação

NOTA: Baixa o pano se cobrem e sai Mudarra casa de su pai Gonçalves e se dirige à casa de seu avô Rei Almançor e durante o trajeto fala Mudarra:

MUDARRA

Meus senhores todos
Fiquei senhor deste reinado
E de condado de meu pai
Por ser muito do seu agrado

Com licença do meu pai
Minha mãe vou visitar
E a dar-lhe a notícia
De quem me soube vingar

NOTA: E Vão-se pela última vez e fala o rei Almançor para sua filha no trono

REI ALMANÇOR

Está-me parecendo filha
Que jamais torne a ver
O meu adorado neto
Que muito desejava ver

Que ao longe me relanceje
Pelo traje não o reconheço
Queira Deus Mudarra seja

NOTA: Chega Mudarra de ter vingado e seu sangue os sete infantes de LaraVen a cavale chega ao tablado apia-se dá e curva ao seu escudeiro vai para o d trono e fala para a mãe

MUDARRA

Minha Mãe aqui está
O meu filho muito querido
Venha a visitá-la
Como lh'e tinha prometido

Os traidores de meus irmãos
Já todos vingados estão
Agora na outra vida
Sou prêmio receberão

Logo que cheguei desbaratei
A Velasquez e Velasquinhos

Depois fui-me embora
A ter com o meu paisinho

Agora minha querida mãe
Fiquei senhor daquele reinado
E agora vou-me embora
A reger este reinado.

P

I

M

NOTA: segue todos para o
tablado dos aristocratas, saindo dali
todos formados para dar volta ao
povo; no fim de tudo, isto, é no
tablado quando todos estão em linha
formados, antes de sair, diz o profeta
-o das profecias:

Senhores este é o tema
Da obra que venho a annu-
ciar
Aqui se dá o fim senhores
A esta grandiosa obra
Se erre erre haja perdão
E pedimos de coração
Dando a Deus os louvores

E se intendeis que mereço
Por isto tudo louvores
Dai palmas que eu agradeço
E desculpem meus senhores

P

I M

RETOCADA E CORRIGIDA EM 10 DE ABRIL DE
1949- PELO SENHOR
Firmine João Miranda Lopes.

X X X X X ----- X X X X X